

O MUSEU DA ESCOLA POLITÉCNICA E SUA COLEÇÃO

Heloi José Fernandes Moreira¹

Dirlene Silva Diorio²

Marli da Cruz Pardal³

Zeugmar Ferreira da Silva⁴



ESCOLA POLITÉCNICA DA UFRJ

Remonta ao período colonial, mais precisamente no término do século XVIII, a origem da Escola Politécnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em 17 de dezembro de 1792, o Vice-Rei D. Jose Luis de Castro instituiu no Rio de Janeiro a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho (PARDAL, 1985, p.7). Em 1810, com a presença da família real portuguesa nessa cidade, o ministro D. Rodrigo de Souza Coutinho, o Conde de Linhares, substituiu essa instituição pela Academia Real Militar (BRITO, 1962). Ao longo dos anos, sofrendo diversas alterações no seu nome e na sua estrutura curricular, mas sempre contemplando os ensinamentos das engenharias militar e civil, essa sucessão finalmente deu origem, em 1874, à Escola Polytechnica, uma instituição civil pioneira no ensino de engenharia no Brasil. Por sua vez, em dois momentos posteriores, esta última também teve a sua denominação alterada, até resgatar, em 2004, o seu nome de origem. Assim, em linha direta e ininterrupta, a Escola Politécnica da UFRJ é sucessora da Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho de 1792.

¹ Escola Politécnica/UFRJ. Cidade Universitária. Centro de Tecnologia. Bloco A 2º andar. RJ. CEP 21941-909 heloi@poli.ufrj.br. Professor Adjunto.

² Escola Politécnica/UFRJ. Cidade Universitária. Centro de Tecnologia. Bloco A 2º andar. RJ. CEP 21941-909 dirlenediorio@poli.ufrj.br. Graduada em Museologia.

³ Escola Politécnica/UFRJ. Cidade Universitária. Centro de Tecnologia. Bloco A 2º andar. RJ. CEP 21941-909 marli@poli.ufrj.br. Graduada em Administração.

⁴ Escola Politécnica/UFRJ. Cidade Universitária. Centro de Tecnologia. Bloco A 2º andar. RJ. CEP 21941-909 zeugmar@poli.ufrj.br. Graduado em História.

Ao longo dos seus 218 anos, nela estudaram e lecionaram notáveis e numerosos nomes da engenharia e da ciência nacional. Mais ainda, nos seus laboratórios foram feitas experiências inéditas no Brasil, tais como a iluminação a gás de mamona, as primeiras aplicações de raios X, as primeiras ligações telefônicas, a primeira instalação telegráfica, a primeira iluminação elétrica no Brasil, etc. (TELLES, 1994).

A história da Escola Politécnica da UFRJ é rica em fatos, feitos e personagens. Figuras notáveis como André, Antônio e José Rebouças, Paulo de Frontin, Pereira Passos e muitos e muitos outros tiveram intensa participação na vida nacional. Através do seu corpo social, a sua história transcende aquela que se refere ao ensino da engenharia, permeando por inúmeras outras áreas do saber e das atividades humanas. Pode-se citar na educação Heitor Lyra e Paula Freitas, na literatura Lima Barreto, na geografia, etimologia e toponímia Teodoro Sampaio, na biblioteconomia Bastos Tigre, nas artes Leon Hirszman, Zelito Viana, Francis Hime, na religião D. Irineu, D. Tadeu e Gustavo Corção, na política Visconde do Rio Branco, Miguel Calmon, Mauro Thibau, Maurício Joppert, Carlos Sampaio e Helio de Almeida, na história Pedro Carlos da Silva Telles, Paulo Pardal e Sydney Martins Gomes dos Santos, na economia Luis Raphael de Vieira Souto, Eugenio Gudín, Jorge Felipe Kafuri e Mario Henrique Simonsen, na geopolítica Everardo Backheuser, na matemática Joaquim Gomes de Souza, Jacob Pallis Júnior, Leopoldo Nachbin, Oto de Alencar, Malba Tahan, nas ciências físicas Henrique Morize e Lélío Gama e muitos outros exemplos, cujas citações, por razões óbvias, devem ser limitadas.

Com cerca de 23.000 engenheiros formados a partir de 1874, é digno de nota a quantidade de antigos e atuais professores e ex-alunos que criaram um profundo sentimento de afeição pela instituição. Inúmeros livros, depoimentos, fotografias e textos foram por eles produzidos, registrando a memória e a importância da Escola para as suas vidas pessoal e profissional. Possuem a consciência que fizeram e fazem a história da Escola, e que ela fez a história de vida de cada um deles.

O MUSEU DA ESCOLA POLITÉCNICA

Esse resumido relato histórico sobre a Escola Politécnica, alguns dos seus alunos e fatos que nela ocorreram, demonstram a importância do Museu da Escola Politécnica da UFRJ para a história da própria Escola, da UFRJ e da engenharia brasileira. Sendo a mais antiga escola de engenharia do Brasil, a sua história legou bens físicos e imateriais relativos à evolução do ensino da engenharia e aos desenvolvimentos científico e tecnológico que ocorreram no Brasil desde o século XIX. Nesse sentido, o Museu se

propõe a registrar a história do ensino da engenharia no Brasil e a própria existência e trajetória histórica da Escola Politécnica da UFRJ.

Um aspecto que deve ser considerado para se entender a criação do Museu da Escola Politécnica foi a transferência da Escola do Largo de São Francisco de Paula para a Cidade Universitária na Ilha do Fundão e suas conseqüências. Ocorrida paulatinamente ao longo da década de 60, essa mudança foi uma grande aspiração e luta dos corpos discente e docente por mais de 30 anos. Sonhava-se com o grande prédio na Cidade Universitária, projetado para sediar somente a então denominada ENE da UB, com instalações para comportar grandes e modernos laboratórios, prevendo-se acomodar em torno de 3.500 estudantes de engenharia.

Confinada no velho casarão do Largo no Centro da cidade, sem condições de crescimento, a Escola já utilizava um prédio anexo na Rua Luiz de Camões para as instalações do seu laboratório de máquinas térmicas, local onde hoje está instalado o Centro Cultural Helio Oiticica. Mais ainda, todas as aulas da área de eletricidade eram realizadas no prédio do Instituto de Eletrotécnica, situado na Praça da República, esquina com a Rua Visconde do Rio Branco.

No relatório relativo ao ano de 1937, apresentado pelo Diretor Professor Luiz Cantanhede de Carvalho Almeida ao Exmo. Sr. Reitor da Universidade do Brasil, assim o Diretor finalizou a parte introdutória:

A fundação da Universidade do Brasil, com o programa de construção da sua cidade universitária é o primeiro passo para essas novas instalações de que tanto carece a nossa Escola para melhorar as condições do seu ensino, com mais recursos e instalações apropriadas. Realizado o programa do Governo atual das novas instalações da cidade universitária, estará a nossa Escola dotada de grandes e apropriados edifícios para o desenvolvimento do seu nobre e fecundo programa de ação. (UFRJ, 1937, p.11-12)

Apesar das expectativas a transferência foi traumática. Se de um lado desejava-se a expansão da Escola em um local mais amplo, por outro lado encontrou-se um prédio inacabado, com salas de aula em obras, ausência até de simples bebedouros e, pior ainda, sem a menor possibilidade de alimentação, sem um mínimo de meios de transportes, enfim um ambiente totalmente inóspito para todo o corpo social da instituição. A transferência foi realizada de modo brutal. Segundo relato oral do Professor Hugo Cardoso da Silva:

Os livros da nossa biblioteca, muitos do século XIX, foram transferidos em caminhão aberto, transportados pela Avenida Brasil, carregados e descarregados da carroceria como se fossem tijolos de uma obra, por operários da construção do próprio prédio; inúmeros instrumentos dos laboratórios sumiram ou danificaram-se totalmente.

A biblioteca a que o Professor Hugo se referia corresponde hoje à Biblioteca de Obras Raras do Centro de Tecnologia. Seu depoimento é corroborado pelo Professor Sydney Martins Gomes dos Santos (1992) no trecho selecionado e apresentado a seguir:

... foi a mudança final realizada no ano passado, quando livros raros, instrumentos topográficos, mobiliário de todos os tipos, pertencentes os mais diversos, foram **lançados** na boléia de caminhões e derramados como **coisas**, na Ilha do Fundão (p.90).

Os livros referidos por esses professores compõem a maior parte do acervo da Biblioteca de Obras Raras do Centro de Tecnologia.

Talvez tenha sido a partir dessa experiência que o corpo docente da instituição tomou consciência da importância de se criar um museu. Com a reforma universitária ocorrida ao final da década de 60, os regimentos das instituições de ensino foram reformulados para adaptarem-se à nova legislação. Aproveitando essa oportunidade, a Congregação da Escola de Engenharia, ao elaborar o seu novo Regimento em 1970, inseriu o seguinte artigo (UFRJ, 1972, p.43):

TÍTULO IX – Do Museu da Escola

Art. 115 – Seis meses após a aprovação do presente Regimento, o Diretor da Escola fará criar em recinto próprio o Museu da Escola de Engenharia para custódia, exibição e estudo de tudo que a ela se refira e que se relacione com a evolução da engenharia e ciência afins, desde a sua fundação.

Parágrafo Único: O Museu assumirá a categoria de serviço permanente, tendo como Superintendente um Professor designado pelo Diretor, com assessoramento do Bibliotecário-Chefe.

Observa-se, portanto, que a criação do Museu não se deu por iniciativa pessoal de algum docente, mas sim por sábia decisão da Congregação da Escola, ciosa da importância em preservar a memória da instituição. Enfim, obrigada a reformular o seu regimento, a Escola Politécnica se valeu do próprio instrumento regimental para instituir o seu Museu.

A rigor, a preocupação da Escola Politécnica em preservar a sua história data do século XIX. Essa cultura ficou cristalizada pelo Decreto nº 1.073 (BRASIL, 1890), de 22 de novembro de 1890, que aprovou a reforma do seu Estatuto. Inserido no seu texto, deixou-se claro que:

Capítulo III - Da Congregação da Escola

Art. 12. Compete a Congregação, além de outras funções que lhe são conferidas nestes estatutos:

§14: Eleger em sua primeira reunião, depois da abertura dos cursos, aquele de seus membros que deva redigir a memória histórica dos mais notáveis acontecimentos escolares de cada ano;

Capítulo XI - das honras, prêmios, recompensas e meios de animação

Art. 139. Pantheon . Sob esta denominação haverá uma sala destinada aos retratos ou photographias dos alumnos que terminaram os seus respectivos cursos e mais se houverem distinguido por seu talento, applicação e virtude.

§ único. Os alumnos a que se refere este artigo, e que terão o título de - Laureados da Escola Polytechnica - devem contar pelo menos 2/3 de approvações distinctas.

Embora devendo iniciar as suas atividades em abril de 1972, somente em torno de 1976, com a presença de servidores especializados, o Museu da Escola Politécnica começou a ensaiar os seus primeiros passos institucionais. Mas, de fato, só tomou corpo a partir de 29 de dezembro de 1977, sob a superintendência do Professor Hugo Cardoso da Silva. Desde então se situa em uma sala no 2º andar do Bloco A do prédio do Centro de Tecnologia, fazendo parte da administração central da Escola Politécnica.



Figura 1- Entrada do Museu da Escola Politécnica. (Foto: acervo MEP/UFRJ)

A Figura 2 mostra parte do interior da sala de exposição do Museu, com móveis atribuídos ao gabinete do Diretor Visconde do Rio Branco, primeiro diretor efetivo da Escola Polytechnica (1875 – 1876). Ao fundo, tela de Firmino Monteiro documentando a entusiástica manifestação de que ele fora alvo por parte dos alunos ao regressar da Europa em 1879.



Figura 2 - Alguns móveis do gabinete do Visconde do Rio Branco. (Foto: acervo MEP/UFRJ)

Evidentemente a maior parte do acervo é proveniente da própria Escola Politécnica, mas não se pode desconsiderar a grande contribuição que os ex-alunos tem dado. Na maioria das vezes são familiares de engenheiros recém-falecidos que, ao tomarem conhecimento da existência do Museu, lhe oferecem as lembranças da Escola que o ex-aluno carinhosamente guardou ao longo de muitos anos.

A partir de 2007, o Museu da Escola Politécnica optou por realizar exposições temáticas, alterando a prática anterior de expor simultaneamente, em um único salão, todo o seu acervo que é bastante diversificado. Desde então, foram realizadas as seguintes exposições:

- 1) A sala de aula da Escola Polytechnica no início do século XX;
- 2) Algumas imagens da construção da Cidade Universitária;
- 3) O “terror” nos antigos vestibulares;
- 4) A Escola Central: 1858-1874.

As Figuras 3 e 4 mostram a exposição realizada sobre os sólidos construídos e utilizados pelo Professor Alcyr Pinheiro Rangel nas suas aulas de desenho, intitulada O

"terror" nos antigos vestibulares. Nota-se as carteiras das salas de aula que existiam no Largo de São Francisco de Paula ao final do século XIX.



Figuras 3 e 4 - Exposição sobre os sólidos geométricos do Professor Alcyr Pinheiro Rangel. (Fotos: acervo MEP/UFRJ)

Deve-se observar também o importante papel desempenhado pela Associação dos Antigos Alunos da Politécnica – A³P na preservação da memória da Escola. Entidade sem fins econômicos e legalmente registrada, a A³P foi criada em 1932 para, principalmente, apoiar a Escola Politécnica nas suas realizações. Também como entidade que congrega os ex-alunos, publica um boletim bimensal que lhes é encaminhado com notícias atualizadas da Escola e de seus colegas. Isso alimenta o afeto que os ex-alunos nutrem pela instituição. Ao tomarem conhecimento da existência e do papel do Museu, é comum doarem objetos e documentos relativos ao seu tempo de estudante. Mais ainda, na reforma das instalações do Museu que ocorreu em 2006, a A³P contribuiu financeiramente para a execução dos serviços.

O ACERVO DO MUSEU

O acervo do Museu contém inúmeras peças, documentos e móveis dos séculos XIX e XX. São aparelhos, instrumentos e equipamentos de laboratórios, maquetes confeccionadas por alunos, modelos de embarcações e locomotivas, diplomas e medalhas, quadros e álbuns de fotografias de formatura de turmas, régua de cálculo e ábacos, sólidos geométricos e materiais para desenho, escrivaninhas e mesas, carteiras e bancos escolares, bustos, fotografias, livros de registro e documentos, retratos a óleo de catedráticos e diretores, quadros, etc.

Nesse sentido, podemos classificar a maior parte dessas coleções da seguinte maneira:

- Mobiliário: banco escolar e carteiras usadas em salas de aula no início do século XX; escrivaninhas, cadeiras, armários e mesas de reunião do gabinete do Diretor; relógio de pêndulo e peças decorativas;
- Instrumentos e aparelhos demonstrativos: materiais de topografia, telegrafia, mecânica, ótica, eletricidade, química, física, hidráulica, calorimetria, etc. Sólidos geométricos, régua de cálculo, maquetes de estradas de ferro, locomotivas a vapor e vagões ferroviários em escala reduzida;
- Iconografia: quadros a óleo retratando lentes catedráticos e diretores, bustos, fotografias, álbuns e quadros de formatura;
- Documentos: atas de reuniões da Congregação, regimentos, carta régia de nomeação de lente, diplomas, trabalhos de alunos, apostilas e livros escritos por professores e livros sobre a história da Escola Politécnica e alguns dos seus personagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto mostra que o Museu da Escola Politécnica é o espaço da memória da Escola Politécnica da UFRJ. O seu acervo pode contribuir para pesquisas sobre a história da própria Escola e a evolução do ensino da engenharia no Brasil desde o início do século XIX. Por meio dele é possível também analisar inúmeras contribuições dos principais personagens envolvidos nessa história.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Decreto nº 1.073 de 22 de novembro de 1890. Approva os Estatutos da Escola Polytechnica.
- BRASIL, Decretos do Governo Provisório – p. 3.830 a 3.864 – Arquivo Nacional.
- Original no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. BRITO, José Nascimento de. História da Escola Nacional de Engenharia, *Revista do Clube de Engenharia*, n.313, setembro de 1962.
- PARDAL, Paulo. *BRASIL, 1792: Início do Ensino da Engenharia Civil e da Escola de Engenharia da UFRJ*. Rio de Janeiro: Construtora Norberto Odebrecht e Companhia Brasileira de Projetos e Obras, 1985.
- SANTOS, Sydney Martins Gomes dos. Centenário da Escola Politécnica. In: *Temas Acadêmicos*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, p. 90, 1992.
- TELLES, Pedro Carlos da Silva. *História da Engenharia no Brasil, Séculos XVI a XIX*, Rio de Janeiro: Clube de Engenharia e Associação dos Antigos Alunos da Politécnica, 1994.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Regimento da Escola de Engenharia da UFRJ. *Boletim UFRJ* (Suplemento), n. 4, 22 de janeiro de 1972.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. *Relatório da Escola Nacional de Engenharia*, 1937.

